AS MEMÓRIAS DE MARC BLOCH SOBRE A GRANDE GUERRA (1914-1918)

Jougi Guimarães Yamashita*

RESUMO

O presente artigo busca analisar, a partir das experiências do historiador Marc Bloch na Grande Guerra narradas em seu diário pessoal, alguns elementos importantes relacionados à vivência individual em situações-limite: a necessidade de preservar as memórias sobre os eventos, o esforço constante de reconstruir uma ideia de indivíduo a partir do trauma e a necessidade de “narrar para superar”. Além disso, também será feito um esforço de compreender o contexto de publicação desse diário em 1969, bem como sua importância dentro do cenário francês de um “trauma coletivo”.

Palavras-Chaves: Grande Guerra (1914-1918); Marc Bloch; memória e trauma; testemunhos de guerra.

ABSTRACT

This article intends to analyse, from the experiences of the historian Marc Bloch through the Great War narrated in his personal diary, some important issues related to individual experience in extreme situations: the need to preserve the memories of the event, the constant effort to reconstruct an idea of the self from the trauma and the need to “narrate to overcome”. In addition it'll be also make an effort to understand the context the publication of his journal in 1969 as its importance within the French scenario of a “collective trauma”.

Keywords: Great War (1914-1918); Marc Bloch; memory and trauma; testimonies of war.

1. Viver (n)uma situação-limite

Sobreviver: a questão primordial, inerente a qualquer existência – não apenas a humana. Aquela é uma palavra de ordem que, conscientes ou não, todos seguimos. Muitas vezes, preocupados com questões como o destino profissional, a relação com outros indivíduos, ou o sabor de nossas comidas, esquecemos que estar vivo é a condição fundamental para passarmos por cada uma dessas situações. Quando sobreviver está entre as preocupações principais de um

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Pesquisa realizada através de apoio financeiro do CNPq, orientada pela professora Dr^a Denise Rollemberg Cruz.

indivíduo, significa que a consciência - e a possibilidade - de sua própria morte se apresenta como um cenário verossímil.

Tão logo lançamos a hipótese da sobrevivência como prioridade para um indivíduo, uma série de situações e sentimentos relacionada a ela se configura: a fome, a dor física e a dor da perda; o conflito psicológico em momentos nos quais agir de acordo com o que é moralmente aceito pode significar o fim da vida; a sensação de ter outras vidas em suas mãos. Estas são algumas das inúmeras circunstâncias vividas por alguém preocupado, antes de tudo, em sobreviver.

Se pensarmos brevemente na história do século XX, percebemos como homens e mulheres são frequentemente expostos a isso que chamamos de “situações-limite”¹. Guerras, prisões, campos de concentração, ditaduras, torturas - momentos tão distintos histórica e geograficamente, mas que demonstram que a violência faz parte do percurso das sociedades contemporâneas.

A Grande Guerra de 1914-1918 foi um desses casos. Conflito fundamental para entendermos a configuração do mundo na contemporaneidade, é vista por alguns historiadores, inclusive, como o marco do início do que se convencionou chamar de o “breve século XX” (HOBSBAWM, 1991). A experiência dos soldados no *front* teria sido o símbolo de um mundo novo que começava a ocupar seu espaço, tomando o lugar de valores e tradições dos séculos anteriores (MAYER, 1987; EKSTEINS, 1997). O que estava em jogo, portanto, não era apenas a aplicação de uma nova forma de combate, mas a consolidação de uma nova mentalidade na Europa ocidental. Em meio a grandes transformações tecnológicas e produtivas, estavam os homens que, baseados na moral e nos costumes dos Oitocentos, se viram forçados a uma adaptação radical ao quadro que se apresentava para eles.

1914 foi o ano em que se iniciou o primeiro conflito de massas da história. A mobilização de cada exército chegava aos milhões. Pode-se dizer que o conflito de 1914-18 consolidou o pensamento capitalista nos afazeres de guerra. A ideia era “matar mais em menos tempo”. Metralhadoras, granadas, lança-chamas e outros aparatos tecnológicos substituíram o velho rifle que devia ser carregado a cada tiro, tão utilizado algumas décadas antes.

Se a questão era a do conflito entre o tradicional e o moderno, e as tensões que ele gerou no campo de batalha, exemplos não faltam. Ocorreram muitos episódios em que isso

¹ Entendemos aqui a situação-limite enquanto uma experiência social. Nesse sentido, não privilegiaremos experiências que, apesar de poderem ser também consideradas de “limite”, estejam restritas ao cotidiano de um indivíduo ou grupo pequeno. *Transversos*, Rio de Janeiro. v. 01, n. 01, fev. 2014, p. 45-61 | www.transversos.com.br 46

ficou evidente. Apesar de a indústria automotiva estar em pleno desenvolvimento, a mula ainda era o meio de transporte mais eficiente. No mesmo embate em que o essencial era estar camuflado para evitar ser alvo das metralhadoras, oficiais franceses e ingleses se vestiam com o decoro do século XIX, e montavam em seus cavalos para comandar as tropas. Acabavam sendo, portanto, alvos fáceis dos alemães. Milhares de soldados morreram por conta de ordens de tais oficiais que não respeitavam os novos códigos de guerra que estavam sendo postos em prática² – ainda que eles não fossem bem definidos.

Este último ponto, aliás, é o argumento-chave para entender a consolidação da modernidade a partir da Grande Guerra. Modris Eksteins, em seu livro *A Sagração da Primavera* (1997), defende o argumento de que a pioneira desse movimento foi a Alemanha. O título do livro remete a um balé de mesmo nome, musicado por Igor Stravinski, coreografado por Vaslav Nijinski e produzido por Serge Diaghilev, que ficou famoso por ser considerado o marco de início do modernismo, por ter desafiado muitos dos cânones do balé praticado até então, desde a música até a forma de dançar dos bailarinos. A própria reação da plateia teria sido algo inédito para aquele tipo de arte.

E qual seria a relação do balé com a Alemanha? O espetáculo narrava a história de um ritual pagão russo no qual uma virgem deveria ser sacrificada para garantir a bonança na primavera. Para o autor, a Alemanha era o país que fez o papel dessa virgem. Em outras palavras: havia sido sacrificada – referem-se às suas duas derrotas nos conflitos mundiais – para que a modernidade se consolidasse na Europa. Por isso, ela teria sido a pioneira na Grande Guerra a implementar tecnologias e táticas que feriam o código cavalheiresco de guerra seguido por franceses e ingleses.

Tal código fazia com que não fosse aceita, durante muito tempo, por exemplo, a utilização do submarino pelo inimigo. Onde estaria a honra em atingir o adversário sem ser visto? Usar lança-chamas e bombas de gás mostarda era, segundo ele, gestos covardes do mesmo nível. Essa inovação, tão questionada então, seria a “dança da virgem”. E o sacrifício, naquele momento, viria com o duro Tratado de Versalhes e, posteriormente, com a derrota do nazismo e todo o peso de ter que lidar com a responsabilidade pelo Holocausto.

² Há relatos de soldados que narram a morte de dezenas de companheiros por conta da ordem dos oficiais de que esses abandonassem suas trincheiras e avançassem 50 metros. Mesmo sabendo que isso era quase um suicídio, os soldados se levantaram e correram em direção à morte (EKSTEINS, 1997).

Portanto, ter passado esse momento foi algo único para aqueles homens. Em cada lado do combate, havia a sensação de que se vivia algo inédito (FERRO, 1990), ao mesmo tempo em que havia aquela sensação já mencionada de ter a vida em jogo constantemente. Daí surgiu uma necessidade, por parte de muitos, de querer se expressar sobre o que estava acontecendo. Se a Grande Guerra foi o marco de tantas outras coisas, foi também o da “explosão autobiográfica” (LEJEUNE, 2008), momento em que mais se produziu relatos pessoais sobre os acontecimentos. Em um conflito nos quais trincheiras e equipamentos como as máscaras de gás tornavam o inimigo – e o aliado – algo “impessoal”, os homens sentiam necessidade de expressar a sua individualidade. E encontraram em diários, cartas e testemunhos o espaço ideal para isso.

Um dos indivíduos que esteve presente no combate e buscou registrar no papel a sua experiência pessoal foi Marc Bloch, atualmente mais reconhecido pelo papel de historiador e mártir do segundo conflito mundial. No presente trabalho, analisaremos suas memórias de guerra, buscando destacar como ele viveu e conseguiu lidar com a situação-limite a qual foi exposto junto a seus companheiros de armas.

2. Observações preliminares

Antes de expor os principais traços do texto de Bloch, devemos fazer algumas observações metodológicas importantes. *Memórias de guerra*³ (1980) é um texto memorialístico baseado no diário que ele manteve nos primeiros meses do conflito. Na primavera de 1915, Marc Bloch teve um caso grave de febre tifoide, que quase o levou à morte. Enquanto se recuperava, decidiu organizar as ideias presentes no diário. Então, apesar de escritas ainda no contexto da guerra, *Memórias* já é, de certa forma, um trabalho mais consciente de seleção e controle da memória por parte do autor.

Houve ocasiões em que ele não pôde contar com suas anotações diárias, pois a intensidade do combate ou a indisposição não havia permitido registros imediatos, e assim foram deliberadamente “esquecidos” nos diários. Esses momentos, durante o esforço de rememoração do autor, ficaram desconexos e fragmentados, como qualquer esforço de memória pressupõe. Encontrar coerência e precisão foi um trabalho penoso e, definitivamente, não

³ Daqui por diante denominado apenas como *Memórias*.

alcançado por Bloch. Ele, portanto, estava consciente dos esquecimentos e seleções que acabariam sendo expostas em seu texto:

Pretendo usar este repouso para fixar minhas lembranças enquanto elas ainda estão frescas e possuem cores vibrantes. Não me recordarei de todas as coisas; o esquecimento deverá ter sua quota. Mas eu não quero abandonar os cinco surpreendentes meses que acabo de viver aos caprichos de minha memória, que tendeu no passado a fazer uma seleção imprudente, concentrando-se em detalhes maçantes, enquanto permitia que cenas inteiras, muitas delas preciosas, desaparecessem. A essa escolha, que tem sido exercida de maneira tão pobre, pretendo neste momento controlar⁴.

Outro fator importante deve ser destacado. O texto não foi produzido para ser publicado (sua primeira publicação na França ocorre em 1969, 25 anos após a sua morte). Podemos inferir daí, portanto, que de alguma forma o esforço de construção de memória e identidade presentes em *Memórias* teve forte caráter subjetivo; apresenta, então, a imagem que Bloch construía dele *para ele mesmo*. As implicações teóricas desse problema serão analisadas posteriormente.

Deve-se, por fim, levar em conta outra questão. À altura do início do conflito, Bloch já se preparava para seguir a carreira de historiador. O cuidado em expor as fontes e os “buracos” documentais – episódios que lembrava, mas não havia anotado no diário – é uma prova de que as precauções metodológicas do *métier* estavam sendo respeitadas, mesmo naquele texto em que Bloch ainda não possuía pretensão acadêmica alguma. A partir desse fato, podemos inferir que a lucidez com que ele apresentou os limites de sua memória ao longo do texto pode ter relação⁵ com uma incipiente “sociologia da memória”, que se consolidariam somente alguns anos após o fim da guerra, com o sociólogo – e colega de Bloch – Maurice Halbwachs (1990).

Partindo dessas observações, devemos iniciar a exposição dos pontos principais de *Memórias*. O texto apresenta pistas importantes sobre o impacto do conflito na trajetória de Marc Bloch. De antemão, devemos ressaltar que tal impacto não foi pequeno. Carlo Ginzburg, por exemplo, atribui à experiência de Bloch ter visto os soldados feridos em combate a inspiração para que ele escrevesse *Os Reis Taumaturgos*⁶. Importante também mencionar, para

⁴ *I intend to use this respite to fix my recollections before their still fresh and vibrant color fade. I shall not record everything; oblivion must have its share. Yet I do not want to abandon the five astonishing months through which I have just lived to the vagaries of my memories, which has tended in the past to make an injudicious selection, burdening itself with dull details while allowing entire scenes, any part of which would be precious, to disappear. The choice it has exercised so poorly I intend this time to control myself.* (BLOCH, 1980: p.70; tradução livre).

⁵ Para fazer tal afirmação, seguimos as sugestões metodológicas de Carlo Ginzburg (2007) sobre a subjetividade do trabalho do historiador e da validade – e necessidade – de fazer suposições a partir de pistas contextuais.

⁶ Ver prefácio de Ginzburg em Marc Bloch (1998).

além de outros aspectos⁷, que durante o resto de sua vida, Bloch se identificou como *poilu*⁸ e oficial de guerra. Na Resistência Francesa, seu principal pseudônimo era *Argonne*, nome da floresta onde lutou contra os alemães durante alguns meses em 1916.

3. *Memórias de Guerra*

Marc Bloch tinha 28 anos quando se iniciou um dos maiores conflitos do século XX, tão imponente que ficou conhecido como “A Grande Guerra”. Tal acunha a identificava como a “guerra definitiva”, que poria fim a todas as outras. Bloch estava na Suíça quando tomou ciência de que o conflito – tão aguardado pelos Estados nacionais que se digladiaram – tornara-se inadiável:

Agosto de 1914! Eu ainda me vejo em pé no corredor do trem que trazia o meu irmão e eu de volta de Vevey, quando descobríamos em 31 de julho a declaração da Alemanha do estado de guerra⁹.

Em agosto, começava a campanha que marcaria o apogeu do nacionalismo. Em todos os Estados beligerantes pairava entre os cidadãos a idéia de que responder ao apelo da nação era cumprir o dever de patriota e de revolucionário. Todos consideravam que seu país estava sendo vítima de uma agressão e que, ao fazer a guerra, os soldados estariam promovendo a paz eterna. Justamente por isso se considerava a guerra como um ato de defesa patriótica e, portanto, como justa (FERRO, 1990).

A França de Marc Bloch estava inserida nessa atmosfera de nacionalismo. Marc Ferro diz que o conflito de 1914-1918 foi a primeira e única guerra verdadeiramente patriótica da França (FERRO, 1990: p.73). Considera-a como o momento em que o todo nacional realmente se integrou, o que explicaria, por exemplo, o fracasso das reivindicações internacionalistas do socialismo. Para ilustrar essa informação, devemos recorrer a uma estatística, no mínimo, impressionante: contra uma estimativa do governo de 5% a 13% de desertores, a França conheceu apenas 1,5% de cidadãos que se recusaram a vestir o uniforme e enfrentar o *front*

⁷ A obsessão de Bloch pela verificação da autenticidade dos documentos, mas sem deixar de lado a intencionalidade dos documentos falsos seria resultado de sua experiência no *front*, pelas falsas notícias que ele e seus homens recebiam sobre o conflito.

⁸ Membro da infantaria francesa.

⁹ Do original: “*August 1914! I still see myself standing in the corridor of the train that was bringing my brother and me back from Vevey, where we had learned on July 31 of Germany’s declaration of state of war*”(BLOCH, 1908: p.77; tradução livre).

(FERRO, 1990: p.22)¹⁰. A pátria realmente latejava nas veias dos homens que a representavam; chegava a ser maior até mesmo do que os objetivos imperialistas dos Estados, verdadeiro motivo da guerra:

[...] é um facto que o conflito global das duas coligações teve a sua origem nas rivalidades imperialistas, mas os combates singulares que opuseram as nações uma por uma e respondiam a uma outra necessidade, a uma tradição enraizada no mais profundo da consciência dos povos. Cada um deles pressentia que estava ameaçado na sua própria existência pelo inimigo hereditário. Para todos, o conflito obedecia assim a uma espécie de rito fatal, o que explica o caráter da luta “de vida ou morte”, um aspecto que a natureza imperialista desta guerra não explicaria (FERRO, 1990: p.28).

A partir de 1905, começa a se consolidar na França esse nacionalismo de direita e conservador – como no caso do capitão judeu –, mas que colocava os alemães como o grande inimigo hereditário¹¹. A França, portanto, via-se estimulada pelo desejo belicista. Parecia que era a hora de se vingar por 1870. O último sopro de pacifismo vinha do ídolo de Marc Bloch à época, Jean Jaurès. Por uma coincidência que só a história pode nos trazer, essa força fora apagada quase no momento exato em que o conflito se confirmara. Em um café de Paris, Jaurès foi assassinado por um fanático da *Action Française*¹². Era 31 de julho de 1914. Apenas um dia depois teve início a mobilização geral, tanto na França, quanto na Alemanha.

A crença era a de que a guerra seria breve. De acordo com o Plano Schlieffen dos alemães, era vital derrotar a França o mais rápido possível, para que os esforços se concentrassem na Inglaterra e na Rússia. No início da guerra, essa estratégia dava sinais de que seria bem sucedida. Em menos de três semanas, os exércitos alemães acamparam as portas de Paris. Isso era reflexo, sobretudo, da situação com a qual a França começou a guerra. Chefes incapazes de movimentar satisfatoriamente suas unidades, tropas mal treinadas, ausência de coordenação entre as unidades que marchavam paralelamente, tudo isso marcava um futuro preocupante para a França (FERRO, 1990: p.78). Incapacitada de reagir, muito menos ágil em manobrar no terreno francês que os alemães, o país percebeu que estava condenado a uma

¹⁰ Jay Winter (2006) refuta esta tese. Para ele o entusiasmo com a guerra era um mito. A censura fazia parecer que todos estivessem engajados no projeto nacional. Essa é uma variável que, certamente, não pode ser deixada de lado, apesar de acreditarmos na possibilidade de haver um real entusiasmo por parte dos franceses em apoiar a guerra, a julgar pelo texto de Bloch e dados estatísticos aqui apresentados.

¹¹ Antes desta data reinava na França um nacionalismo voltado “para dentro” (nacionalismo pautado contra a suposta interferência dos judeus nos negócios do estado), com o Caso Dreyfus. Quando estoura o conflito, este já estava transformado, especialmente por obra de Charles Péguy (WINOCK, 2000: p.144).

¹² Movimento político francês de extrema direita, nacionalista e monarquista, nascido justamente por conta do Caso Dreyfus. Eram os *anti-dreyfusards*.

defensiva. Derrotado na “batalha das fronteiras”, o general Joffre ordenava, então, uma retirada geral.

Marc Bloch esteve presente naquele momento. Apesar de muito disposto ao combate (1980: p.78), de início atuou no conflito como reservista. Foi destacado como sargento para o 272º Regimento da Reserva, 18ª Companhia, 4º pelotão. Mesmo longe da batalha, o soldado teve um “tira-gosto” do que seriam a sua vivência e a de muitos franceses no *front*. O quadro desenhado por ele é praticamente o mesmo que expomos acima: chefia débil, equipamento inadequado, disposições caóticas e oscilação entre extremos de inatividade e atividade frenética (FINK, 1995: p.56).

No dia 20 de agosto seu pelotão recebe ordens para marchar para frente de batalha. Não houve nem um mês de treinamento e Bloch já ia pegar efetivamente em armas. Mas o quadro mudou inesperadamente. Seu pelotão chegara ao *front* no momento em que se configurava a derrota francesa na batalha das Ardenas e a consequente retirada das tropas. Marc Bloch não havia sequer lutado e já estava fugindo do inimigo.

A retirada durou até o dia 7 de setembro. Três dias depois, finalmente, Bloch teve sua primeira experiência na batalha. Ele diz que suas recordações desse dia não são precisas (BLOCH, 1980: p.89). Por conta da intensidade da experiência, reteve apenas uma série descontínua de imagens. Sabe apenas que fora ferido no braço. Ali, presenciara pela primeira vez o espetáculo da destruição e dos feridos. Sobrava a felicidade por estar vivo:

Apesar de tantas visões dolorosas, não me sentia triste naquela manhã de 11 de setembro. É desnecessário dizer que eu não sentia vontade de rir. Eu estava sério, mas a minha solenidade foi sem melancolia, como convinha a uma alma satisfeita; acredito que meus companheiros sentiram o mesmo. Lembro-me de seus rostos sombrios, mas contentes. Contentes com o quê? Bom, contentes, em primeiro lugar, por estarem vivos. Não foi sem um prazer secreto que eu contemplava o corte grande no meu cantil, três buracos no meu casaco feito por balas que não havia me machucado, e meu braço dolorido, que ainda estava intacto, como provado na inspeção. Em dias após grande carnificina, exceto quando há algum doloroso sofrimento pessoal, a vida parece doce. Deixe aqueles que condenam esse prazer egocêntrico. Tais sentimentos são ainda mais solidamente enraizados em indivíduos que normalmente são semi-conscientes de suas existências (BLOCH, 1980: p. 89; tradução livre)¹³.

¹³ Do original: “*Despite so many painful sights, it does not seem to me that I was sad on that morning of September 11. Needless to say, I did not feel like laughing. I was serious, but my solemnity was without melancholy, as befitted a satisfied soul; and I believe that my comrades felt the same. I recall their faces, grave yet content. Content with what? Well, first content to be alive. It was not without secret pleasure that I contemplated the large gash in my canteen, the three holes in my coat made by bullets that had not injured me, and my painful arm, which, on inspection, was still intact. On days after great carnage, except for particularly painful personal grief, life appears sweet. Let those who will condemn this self-centered pleasure. Such feelings are all the more solidly rooted in individuals who are ordinarily only half aware of their existence*”.

O Plano Schlieffen, no entanto, acabou não dando certo. O mesmo general Joffre, que ordenara a retirada em Ardenas, comandaria uma das campanhas mais memoráveis da França na Grande Guerra, a vitória do Marne. Esta batalha viria a ser conhecida não apenas como uma grande conquista do comando francês, mas como o combate que iria inaugurar a fase mais penosa da guerra em termos de perdas humanas, a das trincheiras.

A partir dali, as frentes alemãs e francesas restariam imobilizadas. A trincheira, mola mestra do sistema defensivo da Grande Guerra, proporcionaria um espetáculo de mutilações e mortes, especialmente dos atacantes. O horror era a rotina. Não ter “nada de novo no front”¹⁴ era garantir a sobrevivência em meio a corpos de colegas de tropa, conviver com ratos e pulgas, sentir frio, fome e dor, além de ser atormentado constantemente por tiros e bombardeios inimigos. Tudo isso dentro de um mesmo – e pequeno – espaço. Para a França, o pior: o cenário dessa destruição era o território nacional. Reconstruir o país custaria muito caro; esse seria mais um duro golpe desferido pelos alemães. Sobre esta questão, Marc Ferro diz que “[...] ao imobilizar a guerra por mais de quatro anos no seu solo, a Alemanha iria infligir à França profundas feridas, ameaçar sua existência e paralisá-la por muito tempo” (FERRO, 1990: p.88).

Como soldado francês, Bloch não poderia ter ficado livre da experiência nas trincheiras. A vivência mais intensa naquele espaço se deu entre outubro de 1914 e janeiro de 1915, em uma área repleta de florestas, a Gruerie. Naquele meio tempo, ele conseguiu uma promoção e passou a oficial. Garantia para si, desse modo, um pouco mais de conforto do que os soldados, além de uma mesa própria e menor dificuldade em conseguir notícias de seus familiares. O custo disso, para ele, foi um pouco duro: ainda embasbacado pela coragem e dedicação dos camponeses franceses¹⁵, Bloch lamentou o fato de sua nova posição o obrigar a ter um menor contato com os seus homens.

Curiosamente, foi quando conseguiu uma função um pouco mais elevada na hierarquia militar que Marc Bloch quase perdeu a vida. Em meados de novembro, ele levou um tiro na cabeça: “Fui para a trincheira da frente e pedi um salvo na direção do inimigo. Exatamente no momento que ordenei ‘Fogo!’ recebi um pesado golpe na testa, acima do meu olho esquerdo; caí de joelhos, gritando: ‘Fui atingido!’” (BLOCH, 1990: p. 142; tradução livre). O que mais impressiona no seu relato é a frieza com que soube lidar com a situação. Ele conta ter pensado,

¹⁴Título de um dos mais famosos livros sobre a Grande Guerra, escrito por Erich Maria Remarque (2008).

¹⁵ 52% dos franceses mortos na guerra eram camponeses (FERRO, 1990: p. 228).

após ser alvejado, que se depois de 2 minutos não estivesse morto, não havia chegado a sua hora. Em um momento crucial de sua ação, Bloch não perdeu a razão:

Tinha ouvido que feridas mortais normalmente não são muito dolorosas, e sabia também que feridas na cabeça são muito sérias ou insignificantes. Pensei: “se não estiver morto em dois minutos, estará tudo bem comigo”. Tendo sobrevivido os dois minutos fatais, julguei que as feridas não fossem tão sérias. Preparei uma atadura emergencial e saí em busca do médico de campanha (BLOCH, 1990: p.142; tradução livre)¹⁶.

Talvez mais perigoso que o tiro que levou tenham sido as condições das trincheiras, que o levaram a ser acometido pela febre tifoide – fato já mencionado anteriormente por ter sido aquele o contexto da produção de *Memórias*. Em menos de um mês, Bloch sentia a morte de perto pela segunda vez. Da doença, demorou nove meses para se recuperar. Por isso, em 1915, ano em que todas as potências obtiveram monstruosas baixas sem garantirem nenhum resultado estratégico importante, Marc Bloch não estava no *front*.

Ele só iria retornar à frente de batalha porque se voluntariou para isso. Queria estar perto dos companheiros de luta. Afinal, dentro de todo esse quadro em que tudo que se insere nele é hostil, a solidariedade entre os soldados parecia ser uma das poucas coisas que restavam de humanidade. Ele não podia deixar os companheiros desamparados.

A respeito do papel desta solidariedade oriunda da guerra na formação de um novo grupo social que, aliás, via com certo rancor outros membros nacionais, citemos Marc Ferro:

O esforço dos homens, a aventura muitas vezes trágica de estar debaixo de fogo, os breves regressos de licença, deram aos mobilizados uma consciência aguda de sua solidariedade. Os combatentes tornaram-se uma espécie de classe à parte, a classe dos sacrificados. Perante os “da retaguarda”, os que lucravam com a guerra ou os que tinham conseguido não ser mobilizados, sentiram uma hostilidade surda, que não deixou rastro na grande história da guerra; todavia, marcou uma geração (FERRO, 1990: p.191).

Até o fim de 1916, Marc Bloch atuou em Argonne, quando conseguiu outra promoção¹⁷. Naquele ano, conseguiu quatro licenças, tiradas em Paris. Depois, subitamente, foi deslocado para o norte da África (FINK, 1995: p.70). Mais um “golpe de sorte”: seu grupo foi um dos poucos que conseguiu “escapar” da batalha de Verdun, a mais longa da Grande Guerra. Ele só iria retornar à França quando Pétain assumiu a defensiva estratégica do país.

¹⁶ *I had read that mortal blows are often not very painful, and I also knew that head wounds are ordinarily either very serious or insignificant. I thought, “If I’m not dead in two minutes, I’ll be all right”. Having survived the two fatal minutes, I judged that all wounds be well. I prepared an improvised dressing for my wounds and left to find the medical officer.*

¹⁷ Marc Bloch foi promovido a alferes.

Verdun, aliás, se tornou um “lugar de memória”, um símbolo nacional festejado e sempre lembrado com orgulho. O motivo é compreensível. Todos os esforços dos franceses, naquela altura do ano de 1916, estavam concentrados na batalha do Somme, que seria a “batalha final” dos franceses e ingleses contra a Alemanha¹⁸. Por conta disso, os soldados de Verdun encontravam-se em inferioridade numérica, de artilharia e de suprimentos. A derrota era certa, pelo menos no plano estrutural. A palavra de ordem para eles era “aguentar”, consagrada pela famosa expressão do Marechal Pétain: “Não passarão!”. O único investimento que se fazia naquele espaço era na injeção do ânimo dos homens, ao espírito coletivo. Honra, disciplina e resistência formavam a tríade fundamental para um sucesso que parecia só ter lugar em livros de ficção.

A despeito de todos esses fatos, a vitória se configurou. Ao preço de milhares de vida, é claro. Mas isso só viria a tornar o triunfo mais memorável. Havia sido, antes de tudo, e diferente de outras batalhas em que a estratégia ou os progressos técnicos foram determinantes, uma vitória do homem, da sua determinação em cumprir o objetivo, custasse o que fosse. A Grande Guerra, que foi uma “guerra total”, já que mobilizou todos os recursos das nações em conflito (FERRO, 1990: p.176), era experimentada ainda mais intensamente pelos franceses, uma vez que boa parte dos combates que se desenvolveram aconteceu em território nacional. Os soldados de Verdun lutavam para proteger o país e as suas famílias, que muitas vezes estavam a poucos quilômetros de distância da zona das trincheiras. Por isso, para a França Verdun foi “[...] a grande provação, a provação puramente nacional”¹⁹. Como argumentou Marc Ferro,

Foi a primeira [vitória] alcançada por toda a nação. A França pagou com mais de 350 mil vítimas a honra de ter vencido [...] naquela altura, eles já não eram mais “os de 14”, caminhando alegremente para a guerra, mas “os de Verdun”, cidadãos e defensores da pátria” (FERRO, 1990: p.112).

Indubitavelmente, um marco para a história nacional. Os franceses que ali lutaram podiam acreditar que a vitória era uma prova de que a sua gloriosa história havia lhes dotado de

¹⁸ Marc Ferro (1990) narra que esta batalha marcou o “espírito fanfarrão” dos chefes militares que, sem se preocupar com as condições dos homens e o alto número de mortes, continuavam a ordenar a ofensiva. O general francês Joseph Joffre foi o que mais se enquadrou nesse quesito. Mesmo depois de todos os aliados terem recuado, insistiu na ofensiva e perdeu milhares de homens sem conseguir conquistar um metro a mais de terra. Por conta disso, foi afastado do comando, dando lugar a Pétain, que viria a ser o grande herói da Grande Guerra para os franceses. A partir daí, a estratégia dos franceses foi sempre defensiva. Pétain dizia que os franceses só ganhariam a guerra se pudessem segurar o avanço alemão até a chegada dos tanques e soldados americanos. De fato, a entrada dos tanques de assalto em combate pôs fim à guerra de trincheiras e deu início à guerra de movimento.

¹⁹ É claro que este sentimento nacional também “cansou”. O contraponto da vertiginosa euforia de Verdun seria a morte de muitos homens sem uma nova conquista, sem sentido. Foi por conta disso que se observaram na França diversos motins nas trincheiras no ano de 1917.

uma herança de valores que caminhavam juntos desde sempre e para sempre: honra e pátria (FEBVRE, 1998). Eram os valores que faziam daquelas pessoas franceses.

E tudo isso parecia valer muito mais do que a guerra “dos grandes”, que pareciam presos à mentalidade cavaleiresca que havia sobrevivido até o século XIX. Mais importante do que os progressos da técnica, para esses franceses que ocupavam os altos cargos militares, parecia ser a honra adquirida, a tradição guerreira. Muitas vezes certos códigos de conduta batiam de frente com as metralhadoras alemãs de forma desigual. Foi assim que se viu, ao longo de todo o conflito, milhares de soldados partindo para a morte certa apenas para que o oficial mantivesse a honra intacta (por exemplo, a ordem “de cima” era atacar, e o ataque promovido a qualquer preço), bem como comandantes que, pautando suas decisões sob esse prisma, deixaram de ganhar alguns duelos importantes. A Alemanha, país que assumiu para si o papel de baluarte da consolidação da modernidade, levou grande vantagem no conflito durante um bom tempo por conta disso (EKSTEINS, 1992).

No início de 1918 a vitória para qualquer lado parecia distante. Marc Bloch analisava seu estado físico e mental em decorrência de ter sido colocado à prova durante todos esses anos. Ele narra que, apesar de sua saúde ter se revelado boa (afinal, sobrevivera a uma grave doença), a luta havia lhe afetado o poder de concentração. Não conseguia, naquela altura, se expressar senão de maneira confusa e vaga. O corpo parecia não estar aguentando mais (BLOCH, 1990: p.134).

Inesperadamente, contudo, a Alemanha entregava os pontos. Para encobrir a derrota iminente (detectada pelo alto comando alemão, sobretudo por conta da entrada dos Estados Unidos no confronto), os germânicos tentaram apressar a confecção de acordos de paz. Como a estratégia não deu certo, no dia 11 de novembro aceitaram as condições de armistício apresentada pela *Entente Cordiale*. Finalmente, foram obrigados a assinar o polêmico Tratado de Versalhes, que só gerou rancor por parte dos alemães em relação às potências centrais. Estes, sem perceber, “[...] perdiam a paz no momento em que ganhavam a guerra” (FERRO, 1990: p.286).

A França sofreu muito com o pós-guerra. Reconstituir sua economia em um país parcialmente destruído era o grande desafio. Enquanto isso, os alemães, apesar dos altos gastos, deviam apenas reconvertê-la. Talvez essa seja uma das explicações para o desequilíbrio de forças que seria observado no conflito que ocorreria duas décadas depois.

Quanto aos homens que haviam lutado, era hora de voltar para casa. Exaustos, feridos, doentes, mutilados, famintos e, sobretudo, transformados. A sensação era a de dever cumprido. Esperavam nada mais que o reconhecimento, a gratidão por parte dos demais membros do corpo nacional. Nada encontraram. O Estado não garantiu a essas pessoas os direitos que os ex-combatentes acreditavam ter sobre a nação. Restou, enfim, o ressentimento.

Bloch não passou por isso. Para ele, havia reservada uma vaga como professor de uma nova universidade que seria criada na Alsácia retomada pelos franceses com o Tratado de Versalhes. Ficou, portanto, a impressão de ter participado de um dos grandes movimentos da história humana:

Bloch compreendia perfeitamente que aquela guerra tinha consequências revolucionárias “não apenas para uma classe, mas para toda a humanidade”. Ela tornar-se-ia também um dos principais pontos de referência da sua vida, como definição do heroísmo e da loucura humana, dos feitos técnicos e das suas limitações - uma experiência que o marcou indelevelmente, a ele e à sua geração (FINK, 1995: p.76).

4. A construção da memória de situações-limite

Feita essa breve exposição sobre a trajetória de Bloch durante a Grande Guerra, podemos nos deter em alguns pontos de análise sobre o texto ligados diretamente a essa questão da construção da memória de situações-limite. Afinal, como aponta Kaufmann (*mimeo*), a importância de incluir a noção de trauma (indelével a indivíduos que passam por situações-limite) como parte dos processos de construção da memória e do esquecimento estaria em compreender as marcas deixadas por essas situações tão específicas ao nível subjetivo.

Um primeiro elemento que deve ser levado em conta quando se lê *Memórias de Guerra*, bem como qualquer outro texto de caráter mnemônico, é o problema da relação da memória enquanto espaço de construção de identidades. Isso porque todo o esforço individual de construção da memória é revelador de identidades como imagem para si mesmo e para os outros. Em uma situação-limite, esse traço ganha em complexidade: como ela arranca o indivíduo de seus referenciais, a necessidade de construção de uma identidade torna-se ainda mais forte e presente (POLLAK, 2006). Nessa hora, Marc Bloch “escolheu” ser um nacionalista convicto, e um bom soldado, sempre preocupado com os seus irmãos de armas, que seriam a “verdadeira França”.

Ainda dentro dessa ideia da relação entre memória e identidade, Michael Pollack e Susana Kauffman apresentam uma importante precaução metodológica: trabalhos de construção de memória sempre pressupõem a atribuição de coerência do indivíduo, bem como a de sua continuidade física e psíquica²⁰. Nesse sentido, mesmo levando em conta o fato de que o diário de Bloch foi escrito “no calor do momento”, percebe-se o esforço em manter a imagem do bom soldado patriota.

Bloch não parece esconder certos “desvios de conduta” em relação a essa imagem, mas o faz com certos cuidados. Dois exemplos são bem representativos dessa questão. Em sua narrativa, ele comenta que em alguns momentos atacou inimigos com granadas, ainda que esse tipo de lembrança não lhe fosse agradável, uma vez que esse tipo de ação o fazia mal, pois ele tinha certeza de que estava causando muito sofrimento ao inimigo (BLOCH, 1980: p.141).

Outra passagem que merece destaque nesse sentido: Bloch comenta que havia muitas pilhagens por parte das tropas francesas, e que ele próprio cometeu tal ato; mas a questão é que a partir dali ele “carregava na consciência” um castiçal e um livro de poemas datado de 1830 (BLOCH, 1980: p.146).

Mesmo com tais questões, o texto de Bloch parece comprovar a ideia de Pollack de que a construção de identidade conta com três elementos essenciais: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência (POLLAK, 2006: p.204). Percebe-se claramente que esse é o grande esforço – mesmo que não seja realizado de forma consciente – do autor de *Memórias de Guerra*.

Há também outro ponto importante, brevemente mencionado neste trabalho. Essas memórias de Bloch não foram escritas com claras intenções de publicação. Talvez o objetivo, para ele, seria a de narrar os fatos para conseguir superar o trauma, como ocorre em tantos outros casos²¹.

A dificuldade de narrar, no entanto, não se dá apenas pela questão da coerência e manutenção da identidade. A força do acontecimento acabou por produzir o colapso da compreensão e alguns “vazios” na capacidade explicativa do conflito. Como já mencionamos anteriormente, Bloch deixou claro que seu texto seria “incompleto” tendo em vista que muita coisa já havia sido esquecida. Ele só tinha a memória exata dos acontecimentos quando contava

²⁰Vale lembrar que, como aponta Pollak (1992), o silêncio, tanto quanto a memória, é gestor de identidades.

²¹Levantamos essa hipótese baseados nas ideias de Pollack (2006), que defende que muitas vítimas da *Shoah* escreveram suas memórias na tentativa de lidar com elas, e superá-las.

com o auxílio de suas anotações. Por isso, sentia-se incapaz de lembrar coisas triviais, como leituras que fez durante os confrontos. Este era um sintoma da guerra que, aliás, também acarretava nele e nos homens a chamada *atitude blasé* diante de tudo que viviam (SIMMEL, 1976). Esse “massacre” de situações extremas levava os homens a ficarem tão anestesiados, a ponto de agirem até mesmo com certa indiferença a determinadas situações que, fora do *front*, seriam definitivamente alteradoras da rotina das pessoas.

Este último ponto, aliás, é recorrente no testemunho de Marc Bloch. Ele diz que a realidade tensa havia virado a rotina dele e dos demais soldados. Segundo ele, a enorme quantidade de tiros fazia com que os homens parassem de prestar atenção neles (BLOCH, 1980: p.122)²². Quanto aos canhões, ele comenta: “[...] não há nada mais fácil de acostumar do que um bombardeio” (BLOCH, 1980: p.146; tradução livre)²³. Essas situações eram tão comuns que ele chegou, inclusive, a cochilar no meio de uma batalha (BLOCH, 1980: p.133)²⁴. É claro que, mesmo acostumado com toda aquela intensidade, ele comenta que sofria constantemente com o medo, mas essa relativa indiferença diante da possibilidade onipresente da morte, bem como as dificuldades em lembrar os eventos, são elementos que tornam inquestionável o grande impacto que uma situação-limite causa em um indivíduo e em sua subjetividade.

5. Marc Bloch: o homem, a memória e o tempo

Atualmente, uma das poucas afirmações que um historiador pode fazer sem ser questionado pelos seus pares é a máxima de que não podemos desvincular os documentos de seu contexto de produção. Ora, *Memórias de Guerra* é, certamente, um testemunho particular, pertencente a um indivíduo que viveu uma experiência única. Mas ao mesmo tempo, essa experiência, mesmo que não tenha sido vivida da mesma maneira pelos milhões de franceses que estavam no *front*, foi compartilhada entre eles. Podemos, então, concluir que o testemunho de Bloch claramente o situa em seu tempo, uma vez que buscou, assim como muitas outras memórias sobre o mesmo evento, honrar os mortos e valorizar o esforço de guerra.

²² Do original: “*Their music became so familiar that we quickly stopped paying any attention to them*”.

²³ Do original: “*There is nothing one becomes accustomed to more easily than a bombardement*”.

²⁴ Do original: “*The third attack found me asleep, having succumbed to my fatigue in spite of myself. Someone woke me with ‘Sergeant, sergeant!’ and I rose just in time to shout, ‘Fire at will at the brush in front. Fire hard! Fire hard!’*”.

Outra máxima (que, aliás, havia sido anunciada por Marc Bloch em seus trabalhos historiográficos²⁵), a qual o historiador pode anunciar com segurança, é a de que sempre analisamos o passado a partir do presente; o problema do presente orienta a visão sobre o passado. Funciona assim com os trabalhos de memória. Memórias silenciadas, memórias emergentes, disputas de memória, são constitutivas de disputas políticas do presente, invariavelmente. Esta é, segundo Yerushalmi (2006: p.6), a essência da memória coletiva: um movimento dual de recepção e transmissão, que continua alternadamente em direção ao futuro.

Nesse sentido, é interessante retomar uma informação anunciada anteriormente neste texto: o diário de Bloch foi publicado em 1969 – 25 anos após a morte do historiador. A partir desse dado, temos uma pista interessante que pode nos conduzir ao possível entendimento de um importante problema: por que apenas nesse momento foi interessante que Bloch fosse “ouvido” pelos franceses?

Em linhas muito gerais, aquele foi o período de outro trauma se abater sobre a sociedade francesa: a experiência colaboracionista de Vichy durante a Segunda Guerra. Era o início de tempos difíceis nos quais os franceses teriam finalmente que lidar com suas próprias responsabilidades sobre a morte de seus concidadãos. A identidade nacional francesa parecia arrasada. Nesse espaço, quase como uma estratégia para recuperar um pouco do orgulho nacional ferido, a Grande Guerra de 1914-1918 tornava-se a prova maior da força do nacionalismo entre os franceses. Nada mais coerente, então, do que recuperar a memória de alguém que fora um herói naquele evento. E, no caso de Bloch, era ainda mais do que isso: um herói aparentemente incontestável do segundo conflito mundial, mesmo após o início do debate sobre Vichy.

Marc Bloch, portanto, tornou-se mais do que um nome. Foi um homem em seu tempo, mas cuja trajetória atravessou a própria existência física para ser enquadrada nos embates da memória nacional.

Referências Bibliográficas

Fontes

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Memoirs of War (1914-1915)**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1980.

²⁵ Ver *Apologia da História* (2002).

..... . **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Artigos e livros consultados

EKSTEINS, Modris. **A Sagração da Primavera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FEBVRE, Lucien. **Honra e Pátria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FERRO, Marc. **A Grande Guerra (1914-1918)**. Lisboa: Edições 70, 1990.

FINK, Carole. **Marc Bloch: uma vida na história**. Lisboa: Oeiras, 1995.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)**. 2ª Edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

KAUFMANN, Susana. **Sobre violência social, trauma e memória** (*mimeo*).

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAYER, Arno. **A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

POLLACK, Michel. "Memória e Identidade Social". **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vol. 5, n. 10, 1992.

..... . **Memoria, olvido y silencio**. La Plata: Al Margen, 2006.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de Novo no Front**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental" In Otavio G. Velho. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WINOCK, Michel. **O Século dos Intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WINTER, Jay. **Remembering War – The Great War Between Memory and History in the 20th century**. New Haven, Conn: Yale University Press, 2006.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. "Reflexiones sobre el olvido". In: YERUSHALMI et all. **Usos del olvido**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2006.

Como citar:

YAMASHITA. Jougi Guimarães. As memórias de Marc Bloch sobre a Grande Guerra (1914-1918). **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, Vol. 01, nº. 01, p. 45-61, fevereiro de 2014. Disponível em: <www.transversos.com.br>. ISSN 2179-7528.